

— A senhora sempre será bem-vinda nesta cabana, que é sua, como também a chave. O que há é que durante a estação tenho de viver sempre às voltas com os faisõezinhos. No inverno raro apareço aqui. Mas estamos na primavera e Sir Clifford quer faisões... A senhora há de aborrecer-se de ver-me sempre que vier descansar.

Constance escutava-o numa espécie de vago estuporamento.

— E que me faz que o senhor esteja ou não aqui cuidando do seu serviço quando eu vier?

Mellors olhou-a curiosamente e disse:

— Faz a mim. Incomoda-me.

A moça corou.

— Muito bem, disse ela. Não o aborrecerei mais, apesar de que a mim nada me é que eu esteja sentada aqui e o senhor a lidar com os filhotes. Até me divertia. Mas já que considera isto uma intrusão deixarei de vir, não tenha medo. O senhor é o guarda-caça de Sir Clifford, não meu.

Aquela frase soou estranha à própria Constance, sem que soubesse por quê.

— Não, minha senhora, a cabana é sua. Mas faça já como for do seu agrado. Poderá devolver-me a chave depois de uns dias. Porque...

— Por que o quê?

O guarda derrubou para trás o chapéu, comicamente.

— Porque pode precisar da cabana para qualquer coisa, quando vier, e pode não querer que eu ande a rondar por aqui.

— Que história é essa? gritou Constance irritada. Não é o senhor um homem civilizado? Acha que devo ter medo de si? Que tenho com o senhor? Que importância tem para mim que o senhor esteja ou não rondando por aqui?

Um riso brilhou no rosto de Mellors.

— Não tem importância nenhuma, minha senhora.

— Então?

— Quer que mande fazer outra chave?

— Não, muito obrigada, não quero.

— Apesar disso, mandarei fazer outra chave. Sempre é bom que haja duas.

— Que insolência! exclamou Constance, rubra e com falta de fôlego.

— De nenhum modo, minha senhora, apressou-se a dizer o guarda. Não diga isso. Não, não. Interpretou-me mal. Julguei que, vindo aqui descansar, a minha presença a incomodasse; mas se a senhora não liga importância a isso, tudo está bem — contanto que a senhora não dê tento a todas as coisinhas que tenho a fazer.

Constance afastou-se completamente no ar. Não sabia se fora ou não cruelmente insultada. Talvez não quisesse dizer o que havia dito; talvez quisesse... Como se ela jamais pensasse em dar à cabana o fim que sugeri! Como se a presença daquele homem lhe fosse qualquer coisa!

Entrou no castelo com o espírito atrapalhado, sem saber o que pensava nem sentia.

CAPITULO IX

CONSTANCE ASSUSTAVA-SE COM O sentimento de aversão que tinha agora para com o marido. Verdade que ele sempre lhe havia sido antipático. Mas não chegava a ter-lhe ódio; aversão apaixonada apenas, antipatia física. Parecia-lhe até que o desposara justamente porque ele lhe desagradava duma misteriosa maneira. Casou-se apenas levada pela sua forma mental, que no começo a atraía e excitava. Clifford revelava-se o seu mestre, dono do seu cérebro.

Agora, porém, que essa excitação mental morrera, só subsistia a aversão física que brotava no imo do seu ser e lhe vinha roendo a vida.

Constance sentia-se fraca e abandonada sem remissão. Ansiava por um socorro de fora. Mas nenhum socorro lhe vinha. A sociedade é terrível na sua insensatez. A sociedade dos civilizados é louca. O dinheiro e isso a que chamam amor constituem suas grandes manias; dinheiro principalmen-